

O BICUDO BASTANTE

Máquina de cantar

Em 1985, como fazia todos os anos, fui visitar os amigos bicudeiros em Campo Grande MS. O local, à época, mais apropriado para descobrir novos talentos. Naquele tempo, há mais de trinta anos atrás, não tinha outro jeito de se tentar arrumar um bicudo de qualidade. Pouca gente criava e não havia opções para escolher. Fui de avião direto de Brasília. Muitos amigos na cidade, Carlos Zuffo, Carlito, Zezinho Lopes e Sérgio Barros, Lázaro Manoel João, Gerson Vareiro, dentre outros.

Lá chegando, fui recebido por Sérgio Barros que me disse: *“tenho o melhor bicudo do mundo, não tem para ninguém”*. Exageros à parte, respondi: *“vou conferir, se gostar você me cede ele, rsss”*. No outro dia, bem cedo fui para casa do Sérgio e lá ele puxou o bicudo e o pôs para cantar do lado de fora numa estaca.

Muito bonito, do bico rajado escuro quase totalmente preto. Aí é que trouxe o bicho, meio espantado, com um canto simples, quatro/cinco notas, começava a cantar e não parava mais, quase cinco minutos, numa frase musical até melodiosa. Coisa de doido, fiquei completamente abismado. Me disse ele que tinha sido criado por um militar na região da cidade de Jardim MS, filho de um bicudo chamado Ajax.

Sérgio, com um sorriso sarcástico afirmou: *“você não viu nada ainda, de mano é que ele mata mesmo!!, vamos lá num amigo bicudeiro que vou te mostrar”*. E assim fizemos, fomos para lá. Chegando, no “amigo” – “não

vou dizer quem para não provocar melindres”, rsss. Ele trouxe um bicudo e colocou de cara, cerca de vinte centímetros do bicudinho que logo entrou de surdina e não parava mais de rabear e rodar gaiola sem parar durante quase uns dez minutos. O bicudo do amigo não aguentou, começou a arrepiar quase gritando “mamãe me acode”.

E assim foram quase cinco adversários (*tem dois deles que mais tarde ficaram famosíssimos*). Ele não deixou nenhum cantar e afinou todos pela forma que cantava na surdina sem parar misturando um quem-quem e um gemido de ira que assustava qualquer um. Fiquei impressionado e logo afirmei ao Sérgio: *“me serve, já basta de experimento”*.

Disse ele, *“não, vamos a casa de fulano e fulano, ai você vai ver mais”*. *“Chega já é o Bastante”*, exclamei, daí saquei o nome dele. Começou o negócio, *“quero tanto”*. Um exagero para a época, o preço de dez bicudos razoáveis, acabei aceitando. O que fazer, quase quebrei. Ainda mais que ele não tinha sido testado na roda, nem fêmea tinha.

Adquiriti outros pássaros, inclusive um irmão dele o “Farimbé” bem mais em conta e de fui direto para Cuiabá MT para aproveitar o resto das férias no BB. A convite do José Luis de Deus, fui para lá de avião e ficamos em sua fazenda nas proximidades da cidade. Levei todos os bicudos em um carregador (tive que pegá-los de mão) e lá ele me arrumou gaiolas para que colocasse um em cada, iria ficar alguns dias mais na cidade. Enfiamos pregos nas paredes para todo lado para colocá-las.

Terminamos o serviço de acomodá-los lá pelas sete da noite. Aí sentamos na sala para conversar quando, de repente, um barulho característico de uma gaiola caindo no chão. Deu-me um frio na barriga,

não podia ser outro, era o Bastante que estava lá com sua gaiola toda revirada e ele com o pé direito descanhotado.

Perdi o fôlego, como pode, logo com ele. Peguei com todo cuidado, ajeitei os poleiros e ele meio grosso, talvez sentido uma grande dor. O que fazer, já tinha acontecido. Zé Luis, tentava me confortar, mas não adiantava. Perdi até a fome!!! Pensando que ele poderia ir até a óbito. Que fatalidade!! Meus planos de conseguir um campeão estavam indo por água abaixo.

No outro dia, levantei bem cedo para conferir. Lá estava o bicho com o pé direito solto, mas de vez em quando o apoiava no poleiro. Percebi que havia machucado na ligação da coxa com o corpo. Se batendo muito de forma estranha *“Será que está achando que fui eu que o machuquei”*, pensei.

O machucado deslocou a coxa e ficou para o resto da vida pisando torto e com um pouco de dificuldade. Uma fatalidade e logo com ele. Pois é, não esqueceu jamais e tomou um grande medo de mim, não podia chegar perto que se batia como se fosse um pássaro recém capturado e ainda porque tive que pegá-lo de mão de novo para pegar o avião de volta para Brasília. Um martírio para mim. Por isso, tentava nunca mais chegar perto dele.

Logo em Brasília entrou em muda e ficou com aquela perna torta, cada vez que o olhava me dava uma dor no coração. Terminada a muda, pedi ao Jorge Padilha, que me ajudava no manejo, a ter muito cuidado na lida. Nem precisava porque adorava cantar por perto dele na palma da mão. Vejam só, comigo nem pensar. Ficava só de longe observando, tinha pavor.

Arrumamos um bicuda espetacular para acasalá-lo, aceitou e ficou super bem casado. Logo, lembro-me bem, fomos a um torneio em Goiânia, muito espantado com o pessoal passando em volta, mas quando empoleirava dava cantadas de mais dez cantos (naquela época se marca por cantos emitidos). Tirou uma rabeira por estar estranhando muito a lida de roda. Outra coisa não podia me ver na roda, parava de cantar imediatamente. Tinha que ficar de bem longe.

Fomos levando ele para cá e para lá e aos poucos foi amansando e se acostumando com a roda de fibra. Aí começou a tirar “cabeça”, lembro de algumas que vou tentar contar. Em Ituiutaba, uma roda razoável cerca de 80 bicudos, não sabia o motivo, mas quando chegou nos treze minutos um diretor local gritou “tempo”. Ainda bem que o Chefe de Roda Pedro Monteiro afirmou: “faltam ainda dois minutos”. Depois entendemos o porquê, simplesmente porque Bastante estava ultrapassando os cantos de um bicudo famoso de um parente. Não deu outra, ganhamos o torneio.

Em outra oportunidade fomos a Cuiabá, no tempo do José Luis de Deus que comandava tudo por lá. Neste torneio estava sendo decidido o Nacional fibra de Curió e estávamos com uma tropa de elite, Casinha, Coqueiro e Chibata. Então, estava preocupado mais com esses porque nos bicudos não havia motivo para angústia. Aí aconteceu o inusitado e que até hoje não vi se repetir. Terminada a marcação final dos bicudos surgiu um reboiço danado. Eu lá nos curiós e não fui saber direito o que estava ocorrendo.

Aí, quando olhei de novo para a roda de bicudos estavam marcando outra vez a última bateria. Estranhei e me aproximei do Zé Luis e

perguntei: “o que aconteceu?? Tão marcando de novo?? Ele: desculpa aí é que tem um bicudo que deu 230 cantos isso é impossível e tem gente aí que pediu para marcarmos de novo”. Perguntei “qual bicudo?” Ele disse: “um tal de Bastante. Me ajuda aí, deixa assim porque senão vai ter um bafafá danado”. Fiquei quieto dada a grande amizade e apreço que tinha pelo Zé Luis. O bicudo que o Zé Machado de Goiânia (só ele sabe contar o que aconteceu de verdade) adquirido naquele dia, ganhou o torneio, ficamos chupando o dedo, rsss

Algum tempo depois, fomos a Ribeirão Preto, torneio pesado uns 120 bicudos na roda, ficou em segundo lugar, ficava de lá para cá, mas não adiantava reclamar. Bastante, cantando no gogó, a cada vez eram sempre diminuídas em muitos suas cantadas, mas deu para ver que estávamos com um bicudo cabeça e que seria difícil perder se fosse bem marcado.

O melhor estava por vir. Resolvemos ir ao torneio final de temporada do Nacional no Rio de Janeiro, no Clube Mauá em São Gonçalo. Lá chegamos à noite de sexta feira, ficamos num Motel, cada um num quarto. Junto com Walter Peba e o saudoso Roberval Gambirinha. Preocupado com uma porção de pássaros, tinha três curios de repetição, curios para fibra e uns 4 bicudos para fibra. Todos bichos de ponta.

Olho para o Bastante, ele estava doido, dando cabeçada na gaiola, como se estivesse louco, percebi que a fêmea estava abaixando. Lá fora chovendo uma garoa fina, pedi ao Walter para dar um passeio com ele e assim foi feito. Ficou cerca de duas horas pela rua no meio da chuva dando um rolé. Quando voltou. Bastante, mais calmo. Escondi a fêmea

um pouco, ela piava de longe e ele cantava acelerado. Só um pensamento na minha cabeça *“torneio no Rio, muito complicado ganhar, ainda mais. Tinha o monstro do Sobe e Desce, se ganharmos até quinto lugar tá bom”*.

A gente sabia do potencial do Bastante, mas uma tarefa difícil, ainda mais com a fêmea abaixando, isso deixa o bicho choco e tira a concentração. No domingo fomos para o torneio com aquele monte de aves. *“Seja o que Deus quiser”*. Torneio fortíssimo, colocamos todos nas estacas e observando o Bastante percebi que ele estava matando, cantando na surdina emitindo sempre entre 10 a 20 cantos de cada vez.

Fiquei tranquilo e fui colocar os curiós de Peito de Aço, eram três. Passei um tempo por lá, quando cheguei alguns vieram me dizer que o Bastante tinha cantado demais, dado 130 cantos em dez minutos, que era muito bom. Naquele tempo valiam as duas marcações. Sobe e Desce em segundo tinha ficado com 113. Aí viria a final, o bicudo que estava do lado do Bastante ficava provocando e vindo na grade para brigar, ele gostava disso. A aflição tomou conta de meu corpo, cada cantada passava de 10 repetições, curtinhas e rápidas.

Esse aspecto, nos ajudou porque chamou a atenção de quem estava lá por perto, juntaram uns 20 bicudeiros olhando-o e contando os cantos, deu 15 dizia um, deu 18 dizia outro, nunca batia (*“ainda bem que hoje a marcação é por tempo, eram muitas injustiças praticadas por interpretações equivocadas da maioria dos marcadores”*). Eu ali preocupado com quem ia marcar porque havia muitos bicudos bons e o “monstro sagrado” lá presente e não deixava barato, estava também cantando estourado como sempre.

Iniciada a marcação final. O extraordinário Sobe e Desce 127 cantos, ótima marca. Observava o Bastante ele lá moendo e cantando como um louco. O comentário grande, será que vai cantar assim na hora da marcação. Já eram 13 horas e muito calor, os bicudos gostam. Chegou a vez do Bastante, um bolo de gente acompanhando, por sorte.

Aí, começou, quase todos contavam, uns diziam, deu 22, outros deu 18, o marcador 12. Aí de novo, uns diziam deu 14, outros deu 19, e marcador 10 e assim foi, quando deram dez minutos ele estava com 130 marcado, aos 15 minutos 183 cantos. Ganhou o torneio com uma diferença enorme. Alegria total, cumprimentos mil. Uma vitória, realmente maravilhosa. Ir ao Rio de Janeiro e ganhar um torneio era missão quase impossível. Conseguimos, ufa!!!! Ainda mais que foi naquele ano Vice-Campeão Nacional, perdendo apenas para o indefectível Sobe e Desce.

O troféu era enorme, tivemos que desmontá-lo para levar até Brasília. Mas nem tudo é alegria, encararamos uma viagem de volta de 1200 kms a maior parte na noite de domingo para segunda (uma doidera) e quando chegamos em casa, a fêmea do Bastante estava morta com o ovo entalado. Constatamos, ele triste, manco, sentindo

CAMPEONATO NACIONAL

FENAP (4)

Classificação Nacional

MELHORES BICUDOS				
MOD	COL	NOBRE	PROPRIETÁRIO	CIDADE
FIBRA	19	Sobe e Desce	Namy Jafet	Rio de Janeiro
	29	Bastante	Aloísio P. Tostes	Brasília
	29	Dom Diego	Paulo Gonçalves	Rio de Janeiro
	49	Chico Viola	Namy Jafet	Rio de Janeiro
	59	Treteiro	Francisco Vasconcelos	Niterói
	69	Pagão	Adelino José	Anápolis
	79	Jovem	João W. Salles	Uberaba
	89	Titã	Elcio Machado	Rio de Janeiro
	99	Pimenta	João Gomide	Anápolis
	109	Bachopa	Aloísio P. Tostes	Brasília
	119	El Tigre	Walmorez	Volta Redonda
	129	Inflação	Carlos Zuffo	Campo Grande
	139	Bodinho	Hugo Castelo Branco	Volta Redonda
	149	Granito	Walmorez	Volta Redonda
	159	Castelo	Júlio	Rio de Janeiro
	169	Dum-Dum	Lima Júnior	Goiânia
	179	Chamego	Dilton Coutinho	Niterói
	189	Braseiro	Aloísio P. Tostes	Brasília
	189	Zimbo	Jovandir A. Cunha	Brasília
209	Shao-lin	Nicácio Drumond	Petrópolis	
CANTO	19	Brioso	Aloísio P. Tostes	Brasília
	29	Mogliana	João Batista Cruz	Ribeirão Preto
	39	Barretinho	Cláudio Baraldo	S. J. Rio Preto
	49	Baldara	Carlos Zuffo	Campo Grande
	59	Sufeco	João Salles	Uberaba
CANTO COM REPELIÇÃO	19	Brotero	Antônio C. Carone	Belo Horizonte
	29	Noel Rosa	Antônio C. Carone	Belo Horizonte
	39	Ministro	João Batista Cruz	Ribeirão Preto
	49	Papa Vento	Cláudio Baraldo	S. J. Rio Preto
	59	Braseiro	Aloísio P. Tostes	Brasília
PEITO DE AÇO	19	Barrinho	Silas	Niterói
	29	Zé Rico	José Epifânio	Brasília
	39	Rech	Bartolomeu Jesus	Brasília
	49	Defensor	João Salles	Uberaba
	59	Tremendão	Cel Gotelip	Uberaba

demais o esforço, o pé torto que tinha o incomodava muito. Estava meio fofo, parece que percebia o drama de sua parceira outro trauma grande. Eu ali lamentando demais, acasalar de novo seria difícil a bicuda era excelente de quem-quem baixinho e destramelada como ela.

Passado alguns dias, foi melhorando ainda faltava algum tempo para muda, tentei colocar outra fêmea com ele, rejeitou!!! Ficou indiferente, diminuiu o canto e o fogo! Bom pensei, “*vou deixar mudar de penas depois dou um jeito*”. Lógico, não esfriou era um pássaro muito valente e não arregava de forma alguma para outro bicudo. Veio a muda e lá por junho já estava cantando, mas notei que tinha diminuído o volume em muito. Tentando uma e outra até que ele aceitou (mais ou menos) uma fêmea muito boa. Pensei “*vai dar certo*”.

Mas não deu, ele não recuperou a forma e ficou efetivamente desacertado por causa da fêmea que havia morrido. Ficou “meia boca” cantava na roda porque era muito fibrado e não deixava a peteca cair. Fui levando ele a alguns torneios, até ir ao fim do ano de novo no Rio de Janeiro. Lá chegando, no sábado, passei ele para o amigo Nami Jafet e assim me liberei da amargura de vê-lo, com aquele pé torto (culpa minha), espantado comigo e desacertado de mexida. Mesmo assim, andou fazendo umas proezas tirando muitos troféus até ser transferido para outro amigo Hugo Castelo de Volta Redonda, onde onde veio a óbito.

Dito isto, não tenho o menor constrangimento em afirmar que Bastante foi um dos melhores bicudos que já apareceram por aí, provou. Não chegou mais longe porque causa principalmente dos traumas adquiridos depois do acidente, pegá-lo de mão diversas vezes e a falta

de cuidado que tive com sua fêmea para não deixá-la morrer com ovo entalado. Muitas vezes o criador por um motivo ou por outro não consegue trazer seu pássaro durante um longo tempo no auge de sua performance, por motivos alheios. Quer dizer acertar plenamente sua mexida. Há alguns aspectos que fogem ao controle e foi o que aconteceu com o extraordinário Bastante.

Fiquei muito frustrado por não ter tido a oportunidade de sagrá-lo campeão nacional porque sabia do pleno potencial para brigar por este título. Mais ainda em saber que nada ficou de sua genética. Tentamos adquiri-lo novamente com esse objetivo, mas não conseguimos, sua cotação sempre foi alta demais. Uma pena para nós todos que gostamos de bicudos de ponta, nem sempre as coisas são do jeito que queremos. Neste caso perdemos a raça, reafirmo, de um dos melhores bicudos que pude ver na minha vida de bicudeiro e sentir muita alegria no curto espaço de tempo que convivemos. Fibrado demais, uma verdadeira máquina de cantar.

Aloísio Pacini Tostes

Bonfim Paulista SP Mar/2017

www.lagopas.com.br

multiplicar para conservar

